



SANTO ANTÓNIO DE LISBOA (I)

Carlos C. Varela fala da relação popular com o Santo Antom. Assim, de todo o santoral relacionado com o amor, o sexo e a produção, o Santo António de Lisboa era o favorito da Galiza tradicional, tendo-o como bom casamenteiro e estando presente em vários rituais.

CINEMA

Xurxo González celebra a criação dum Observatório do Audiovisual da Galiza (OAG) da mão dum grupo de profissionais deste sector. Segundo expom González, a espoleta que levou à criação do OAG foi a nefasta política audiovisual da Junta. O Observatório realizou já dous relatórios, um sobre o tratamento discriminatório que a TVG fai às curtas-metragens e um outro analisando a convocatória das ajudas de talento de AGADIC.

LÍNGUA NACIONAL

Isabel Rei Samartim repassa um dos acontecimentos televisivos do passado Natal: a emissão pola CRTVG das badaladas portuguesas de Ano Novo. O programa 'Luar' retransmitiu estas umha hora depois das doze campás da Porta do Sol de Madrid.

EM TEMPOS

Rosendo Salvado: o pecado do frade

R. Melide

Talvez seja exagerado afirmarmos que o intercâmbio entre a Galiza e a Austrália que teve lugar a partir das viagens do frade beneditino Rosendo Salvado no século XIX foi pernicioso para ambas as partes. Porém, nos nossos passeios entre bosques de raquíticos postes de cor quirófano e chão de glifosato, não podemos evitar a evocação da paisagem primigénia da Amaia e de todo o ocidente galego. Ignoramos se algo parecido acontece com os aborígenes que possam ficar no sudoeste australiano –mesmo ignoramos se ainda fica algum–, mas intuimos que é perfeitamente possível que tal sentimento antípode, que no fundo é o mesmo sentimento de nostalgia do contorno íntimo não vivido, apareça nos nossos hipotéticos irmãos do outro lado do planeta. Seja como for, vamos dedicar este artigo em duas entregas a seguir os passos do nosso frade e da nefasta importação que a história lhe atribui.

No Tui de entre duas idades

Rosendo Salvado Rotea nasceu no bairro tudense de Rio Moinhos em 1 de março de 1814. Tata-se



do mesmo ano do retorno ao trono do rei Fernando VII, assim como das subsequentes queimas da Constituição espanhola e do restabelecimento do Tribunal da Inquisição. Concretamente em Tui, para além de ser queimado, o texto legal supremo é deitado no Miúdo em forma de cinza.

Desde miúdo, Salvado é instruído em latim, teologia, leis canónicas e hebreu. Com quinze anos, irá ingressar no compostelano mosteiro de São Martinho Pinário, pronunciando os seus votos em 1832. Dali, o beneditino passará para San Juan de Co-

rias, nas Astúrias, onde cursou estudos de órgão. A desamortização de Mendizábal, em 1835, exclustra-o, tornando Salvado para Tui com a sua família. Ao ver impossibilitado o seu desejo de se tornar crego, Salvado parte para a Itália, recalando no mosteiro de Trinità della Cava, perto de Nápoles. Lá é ordenado como presbítero em 1839. Em 1844, junto com o frade catalão José Benito Serra, Savado acode à Congregação de Propaganda Fide de Roma, na procura de um destino como missioneiro. Não sabemos o que teria acontecido

de ser outro o destino do tudense, mas o azar quis que fosse enviado para a Austrália da Mão do recém nomeado arcebispo de Perth, John Brady. As consequências da sorte missionária de frei Rosendo, porém, são bem palpáveis para qualquer pessoa que percorra os caminhos florestais ou as estradas de boa parte do nosso país.

No outro canto do mundo:

Nova Núrsia

Em 5 de julho de 1845, o bispo Brady, Salvado e Serra são recebidos em audiência privada pelo Papa Gregório XVI. O pontífice encoraja-os para converterem os aborígenes australianos e para os tornarem parte das *nações civilizadas*.

As viagens de Salvado entre a Austrália e a Europa irão ser cinco: em 1845, partirá para as antípodas com o padre Serra para se dedicar à evangelização dos selvagens australianos. Em 1849, irá regressar para a Europa para se encarregar do problema gerado polo nomeamento do padre Serra para a Sede do Porto-Vitória. Em 1865, viajará pela segunda vez à Europa para evitar o seu nomeamento como bispo de Perth e, portanto, o seu abandono da

abadia de Nova Núrsia, conseguindo-o e logrando, aliás, o ascenso desta sé para a categoria de Prefeitura apostólica. Em 1869, volta para a Austrália, regressando para a Europa no mesmo ano para assistir ao Concílio Vaticano. Em 1870, encaminha-se novamente para as antípodas por causa da morte do seu padre prior Venancio Garrido. Em 1882 volta para o velho continente, regressando à ilha em 1899 na sua quinta e derradeira singradura australiana.

A primeira vez que Salvado põe o pé na Austrália é no 7 de janeiro de 1846. Contra a noitinha daquele dia, atraca em Fremantle, antepuerto de Perth, na parte sudocidental da ilha “após uma longa e penosa viagem”, por suas próprias palavras. “Na tardinha do dia 9 empreendíamos a nossa marcha para Perth, capital do estado da Austrália Ocidental, que se encontra a uns 20 quilómetros as costa, sobre uma bocarreira que forma o rio Swan, chamado dos cisnes (...) após três horas e meia duma navegação das mais divertidas, chegámos a Perth, onde nos esperava um grande grupo de gente, que nos recebeu com extraordinárias aclamações de alegria”.



EM TEMPOS

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA: PATRÃO DA SEXUALIDADE POPULAR GALEGA (I)

Carlos C. Varela

De todo o santoral relacionado com o amor, o sexo e a produção, o Santo António de Lisboa era o favorito da Galiza tradicional. A família do santo era originária da diocese de Tui, mas em 1147 marchou com as tropas do Conde de Lemos para ajudar na tomada de Lisboa muçulmana, cidade em que se assentará e nascerá António. Tal como recordam as cantigas, o lisboeta estudará em Pádua, tornando-se um dos mais importantes intelectuais franciscanos do seu tempo. No Sínodo diocesano de 1482, o bispo tudense Diogo de Muros dispõe que o 13 de junho seja feriado em todo Tui na honra do Santo Antão. Aginha deslocará em toda a Galiza ao egípcio Santo António Abade, apropriando-se de parte do seu carisma e celebrações (1).

O Santo António é “advogoso” para a conceção e o parto, mas sobretudo é casamenteiro. A religiosidade popular atribui-lhe este dom ao facto de que sempre é representado com uma criança no colo (2); na religião oficial, a explicação provém dum milagre enumerado pelo Abade Guyard, segundo o qual a Virgem Maria aparecera-se-lhe ao Santo Antão para que este verificasse a sua “Imaculada Conceção”. Eça de Queirós recolhe esta versão no seu *Dicionário de Milagres*.

A vida sexual das mulheres galegas estava, em boa medida, balizada pelo Santo Antão. Em algumas partes as moças, ao chegarem à puberdade, ofereciam-lhe a sua virgindade “para que protegesse a sua pureza” (3). Como casamenteiro, os rituais multiplicam-se e, por ser a sua festividade em 13 de junho, às vezes integrados no ciclo festivo que vai dos Maios ao São João, onde a temática erótica é absolutamente central. Em Loureses, onde o Santo António é o patrão da aldeia, as moças faziam, como no São João, a “cacharela do Santo Antão”: as que a saltavam sem tocar o lume casariam aginha (4). Também havia petições coletivas de namorado: apresentavam-se “na igreja todas as moças casadoiras da paró-



quia –conta Xosé Lois García– a pedir-lhe amor e casamento a Santo António, mesmo ao nascer o dia, e iam em precessão, quase que secreta, a uma fonte germinal (5) ou a um regato, onde abençoavam a água e lavavam-se durante doze dias até o dia de São João, com flores curativas e metiam na água as medalhas e escapulários do Santo António, que levavam ao pescoço, enquanto tinham um pensamento” (6).

Contudo, as petições individuais de moço ao Santo Antão eram as mais usuais. Rezavam-se-lhe orações (7), prendiam-se-lhe lâmpadas (8) e velas (“Meus San Antonio bendito, / como me cases hogano, / heiche levar unha vela / coma un fungueiro dun carro”, canta retranqueiro Leiras Pulpeiro (9)), etc. A magia casamenteira santoantoniana era mui rica. Em Setados, nas Neves, a finais do s. XIX e começos do XX ofereciam o chamado “Pão do Santo Antão” para encontrar namorado, e que este “não falte aos seus compromissos” (10); o informante não especifica a forma de dito bolo, mas por exemplo em Amarante (Portugal), as moças ofereciam-lhe com a mesma finalidade um bolo com aspeto fálico ao São Gonçalo (11). Claro que o santo nem sempre era eficaz: “Quando alguma moça anunciava o seu casamento havia uma oferenda ao Santo e outras moças entre a deceção diziam: “Tivem pouca fé ao pedir marido”. Outras escarneciam o

A vida sexual das galegas estava balizada pelo Santo Antão. Em algumas partes as moças, ao chegarem à puberdade, ofereciam-lhe a sua virgindade “para que protegesse a sua pureza”

santo (12) e levavam-no em segredo a um regato e escondiam-no nas águas durante nove dias, e o dia que o resgatavam tiravam lírios de S. António (13) polo regato e tinham que ter um pensamento fixo até que as águas afastaram da sua vista esta flor. Envolviam o santo num manto de seda branca, numa toga vermelha e suma saia negra. O branco simbolizava a mocidade, o vermelho quando era mulher madura e o negro a sua velhice. A imagem de S. António punham-na no aposento mais alto da casa e ofereciam-lhe ser padrinho do seu primeiro filho se o tinha com um certo galão que ela desejava (14).

Em Bergantinhos é mui conhecido o carvalho do Santo Antão de Vila de Francos, na paróquia de Artes (Carvalho). Uma das lendas diz que nasce uma capela de Santo António, e que quando se podava sangrava, polo qual a capela teve que ser deslocada para o vizinho paço. Outra conta que o próprio S. Antão, em peregrinação a

Santiago de Compostela, deu missa no templo: por milagre, o carvalho cresceu com tanta força que derribou a capela. Os rituais que envolvem a árvore têm a ver com a conservação do amor nas parelhas e garantia de rematar em boda, o qual se assegura a quem enceste uma ou várias pedras num dos ocos do enorme carvalho (15).

[segue no próximo número]

NOTAS

1. Sobre a antropologia do Santo António: Fraguas, A. *La Galicia insólita, Corunha*, Librigal, 1973, págs. 67 e ss; Mariño Ferro, X. R. *Las romerías / peregrinaciones y sus símbolos*, Vigo, Xerais, 1987, págs. 196 e ss; e o mais completo, García, X. L. “Antropoloxía e devoción popular Santoantoniana en Galicia”, in: *Polas diversas xeografías da Lusofonía*, Guitiriz, A. C. Xermolos, 2013, págs. 63-70.

2. Mariño Ferro, X. R. *O sexo na poesía popular*, Vigo, Edicións do Cumio, 1995, pág. 84.

3. García, X. L., *op. cit.*, pág. 66.

4. Mandianes Castro, M. *Loureses*, Vigo, Galaxia, 1984, pág. 77.

5. Uma cantiga sobre uma fonte do S. António na Caeira: “S. Antonio da Caeira / ten unha pipa no monte; / os homes beben viño, / e as mulleres rezan na fonte”.

6. García, X. L. *op. cit.*, pág. 67.

7. Por exemplo em Cárbia. González

Reboredo, X. M. (ed.) *Nacemento, casamento e morte en Galicia. Respostas á enquisa do Ateneo de Madrid (1901-1902)*, Compostela, Consello da Cultura Galega, 1990, pág. 85.

8. Por exemplo: Alonso, S. *Diarios*, Vigo, A Nosa Terra, 2000 (2ª ed.), pág. 145.

9. Leiras Pulpeiro, *Cantares gallegos*, Biblioteca Galega, LVG&Galaxia, 2002 (1911), pág. 28.

10. González Reboredo, *op. cit.*, pág. 86.

11. Mariño Ferro, X. M., 1987, pág. 199.

12. Os métodos incluían castigos físicos, como atá-lo com uma corda pola entreperna.

13. Sobre a etnobotânica do S. António há que citar a “erva do Santo Antão” (*Epilobium hirsutum*), cuja cocção de folhas e flores se empregava para os transtornos menstruais. (Rodríguez González, A., López Román, V. e M. Castro, *Plantas medicinais da Galiza*, Vigo, A Nosa Terra, sem ano).

14. García, X. L., *op. cit.*, pág. 67.

15. Informação do meu vizinho Suso Álvarez Pazos, e também: Rial, S. G., “El carballo de Vilar de Francos gana peso casamenteiro”, *El Comarcal* (Suplemento de La Voz de Galicia para Bergantiños, Ordes, Xallas, Soneira e Fisterra), maio 2014, pág. 6.



A FOTO

Nom canso de repetir que
somos nós, as mulheres,
quem deixamos
a história acontecer.



Éire García Cid

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de con-
tido e das homenagens florais descontextualizadas, está a
criaçom. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e
com essa ideia inauguramos este espaço de criaçom. Com
cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e to-
das estades convidados a participar.
Escreve para literaria@novasgz.com.

Francisco Barros Cascalhar, alias Chankecham. Poeta, artista, impressor. Imprentou
9 incunáveis com umha prensa da sua invençom e tipos lavrados da sua mao.



Assim como os astros temhem um caminhar
perpétuo e eterno no alto do céu

Assim como as estrelas ham de respilhar
eternamente na noite dos tempos.
Amada minha!
Assim, hei de querer-te, até o fim do meu viver.

Pois que Deus fijo de ti,
como de todas as cousas prodigiosas
que a sua mao tocou,
a luz venturosa
que alumia o meu viver,
os meus passos guia
e a ti me leva,
fonte ardorosa do meu querer.

Dentro da noite, quando a cidade dorme
chego às Pratarias
para ver aqueles rostos de pedra
que a mao do homem engendrou

olho em silêncio
aquelas caras quietas,
e quase que tudo o que eu preciso saber
elas me dim...



miro e remiro e volto a mirar,
e quase que tudo, ó prodígio!
elas me dim...

mas, quando à luz do luar,
olho o rosto imaculado
da minha amada,
entom sim... sei tudo quanto é preciso
ó Deus, pois som tam feliz...!

Até quando beberei
este doce veneno
de amador sem cura,

um cálice cheio até os bordos,
sugo em cada olhar meigo
da minha bem amada,
em cada beijo,
um canado ou algo mais.

Assim, aos poucos
vou morrendo envenenado,
deste imenso amor
e bem querer,
que Deus me deu...



LÍNGUA NACIONAL

2015 Ano Zero: A hora de Portugal

Isabel Rei Samartim

Acontecia na data mais esperada do ano. Semanas antes não tinham passado o anúncio na televisão, nem tampouco saíra a notícia nos jornais, nem não se tratava o caso nas tertúlias radiofónicas, nem sequer os blogues tinham feito a publicidade esperável do acontecimento. As principais figuras políticas não o tinham comentado nas suas entrevistas. E os apresentadores mais mediáticos não mencionaram a questão nos programas de máxima audiência.

Mas o certo é que em 2014 o Ano Novo seria recebido na Galiza por duas vezes. Sim, duas. Uma, a de todos os anos, na hora espanhola que vai pelo fuso horário da Alemanha. E a outra, por



primeira vez na TVG entraríamos no Novo Ano com a hora portuguesa que segue o fuso horário do meridiano de Greenwich, o mesmo das atlânticas Grã Bretanha, Irlanda, Açores, Madeira e Canárias. Entre nós, a hora de Portugal.

No programa prévio, como de costume, os produtores televisivos

ofereciam um conjunto de variedades de entretenimento. Na TVG começavam as atuações com música espanhola. Que foi seguida de mais música espanhola. Chegou a vez das Leília e das Malvela e ao fim tivemos música galega, a única cantada em português. Depois continuou sempre em castelhano

até chegar a meia noite. Aí o programa conhecido pelo nome de Luar ofereceu duas luas no ecrã: a bela face do relógio do Obradoiro, à direita, e a da custódia *Puerta del Sol*, à esquerda.

Mas ainda faltava 1 hora para o ano novo com Portugal. O programa da TVG insistia nas *varietés* espanholas com alguma exceção. Contudo, nada podia já ocultar o facto de que as 12 horas portuguesas vinham aí e na Galiza íamos celebrá-las para a entrada do ano. Incontroláveis e estranhos os relógios galegos aguardavam mais uma hora.

Estou a esquecer um detalhe importante: Desde o início o programa de fim de ano contava com a presença duma linda apresentadora portuguesa que se expressou o tempo todo em belo português

e, perto já do decisivo momento, as pessoas que ocupavam o cenário prestaram-lhe toda a atenção. Procuraram uns talhos para se subirem neles, pois em Portugal é costume receber o ano com mais altura, e prepararam as doze passas nas mãos. Tudo estava pronto.

Imaginemos o relógio da Sé de Lisboa, ou o de Braga, ou o do Porto (há que o imaginar porque agora o Luar não retransmitia a bela lua no ecrã), chega o instante, os apresentadores iniciam a contagem regressiva: Doze! Onze! Dez! -parece uma astronave, pensava eu- Nove! Oito! Sete! -aqui vai acontecer alguma cousa- Seis! Cinco! Quatro! -isto está mesmo emocionante- Três! Dois! Um!... E naquele preciso instante começava para Galiza e Portugal o nosso Ano Zero. Feliz Ano Novo!

CINEMA

Observatório do Audiovisual da Galiza

Xurxo González

Nos podemos senom dar as boas-vindas à chegada do Observatório do Audiovisual da Galiza (OAG). Umha entidade constituída por umha associação que tem como singularidade a sua heterogeneidade na sua formaçom incidindo no transversal em vez de, como se vinha fazendo até o momento, abusando da especialidade. Os seus membros têm diferentes papéis dentro do setor audiovisual: realizadores, produtores, técnicos, críticos, programadores... Distintas perspectivas e sensibilidades unidas no objetivo de tentar fornecer análise, sugestons e algo de cordura perante a regressom imparável na sequência da aplicaçom de tanta política de derrube.

O OAG é umha iniciativa que tem como objetivo ser o ponto de encontro para distintos pareceres, nom apenas daqueles que confluem mas também servir de mediador para aqueles que possuem os meios e o poder de decisom para mudar as cousas. Esta soma de visons provocam o debate. Este contraste motiva a ar-

gumentaçom e o estudo. Umhas reflexons que, finalmente, depois de passar pola peneira do consenso, se materializam em textos que têm o propósito de servir como motores de mudança. Desta maneira, o OAG promove o diálogo, a informaçom e o assessoramento a gentes do setor, associaçons gremiais, instituiçons culturais e educativas, meios de comunicaçom, órgaos administrativos e grupos políticos.



A ideia de constituir um observatório na Galiza nom é nova. Ao longo das últimas décadas houve outros observatórios e órgaos encarregados de zelar polo registo dos resultados em tempos de bonança, quando se acreditava que o audiovisual na Galiza era um setor estratégico e que aguardava um grande futuro. Mas o OAG surge numha época totalmente distinta, num período de recessom em que o setor está a viver

um autêntico pesadelo, onde as prediçons errárom e onde perante tanta instabilidade é preciso um processo de definiçom constante para atalhar as surpresas do futuro. A esta situaçom ontológica há que acrescentar um contexto apocalíptico dominado

por umha funda crise económica, política e social. Neste cenário nasce o OAG, umha ferramenta concebida para melhorar a situaçom atual zelando polas boas práticas.

Mas nom se pode evitar nomear qual foi a espoleta que fixo detonar a criaçom do OAG: a nefasta política audiovisual da Junta da Galiza. Os atuais responsáveis políticos e técnicos da AGADIC mostrárom umha incapacidade manifesta para fazer o que eles entendem por política audiovisual: a gestom das ajudas. Apesar de ser a única cousa da qual se encarregam os textos publica-

dos em 2014, fôrom extremamente deficientes, sobretudo o que corresponde às ajudas de talento. A indignaçom suscitada por essa convocatória provocou a necessidade de atuar para tentar frear a repetiçom deste tipo de desastres.

Nas últimas comparecências do Parlamento da Galiza relacionadas com o setor, os responsáveis políticos utilizárom notícias publicadas em meios de comunicaçom com as adulteraçons que estes praticam (como ocorre com este artigo de opiniom). Perante este panorama, optou-se por que o OAG gere relatórios nos quais dar umha visom mais fidedigna do que acontece no setor. O trabalho do OAG é avalizado polo rigor e pola metodologia científica, tentando evitar os julgamentos de valor para as suas conclusons serem mais contundentes e incontestáveis. Mas este nom é a

sua finalidade. Estes relatórios som apenas o princípio para umha ronda de diálogo com outros agentes do setor, especialmente com a administraçom, bases de consulta para quem o considerar e, finalmente, a base para futuras "observaçons".

Até a atualidade, o seu trabalho pode ser inventariado num primeiro relatório sobre o trato discriminatório que a TVG fai às curtas-metragens, um comunicado em resposta à intervençom de Sánchez Izquierdo, Diretor da CRTVG, no Parlamento da Galiza, e um segundo relatório enfrentando a análise especialmente pormenorizada da desfeita que foi a convocatória das ajudas de talento de 2014 redigidas pola AGADIC. O que está no ar é quanto tempo vai continuar com a sua atividade o OAG, já que se sustenta unicamente no esforço e no voluntarismo dos seus membros. O que sim sabemos e que a sua sombra nutriente torna-se aconselhável para qualquer política audiovisual que se tente pôr em prática na Galiza.

Podes seguir o trabalho do OAG em <https://observatorioag.wordpress.com/>